

**O Evangelho segundo Eudócia Augusta (séc. V d.C.).
Prolegómenos para uma tradução portuguesa**
**The Gospel according to Eudocia Augusta (fifth c. AD). Prolegomena
to a Portuguese translation**

CARLOS MARTINS DE JESUS¹ (*Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da
Universidade de Coimbra – Portugal*)

Abstract: The genre of *homerocentos*, of which a complete poem has been preserved, developed remarkably during the Early Middle Ages. It comprises 2.354 Homeric hexameters in which Eudocia Augusta, the wife of Theodosius II (421-450 AD), retold the main episodes from the *Gospels*. Drawing on the episode of Lazarus' resurrection (recreation of *John* 11.1-43), we shall reflect upon the structure, the composition process and some translation peculiarities of Eudocia's poem, which largely surpasses a plain reorganization of the Homeric lines already translated into Portuguese.

Keywords: Eudocia; Homer; *homerocento*; Lazarus; translation.

A literatura grega, considerados todos os períodos da sua periodização tradicional, foi pelo menos entre os séculos IV e XII d.C. maioritariamente da autoria de cristãos, homens e mulheres das elites políticas e culturais da Roma tardo-imperial e de Bizâncio que, competentes leitores de Homero, Platão ou Virgílio, mas também dos poetas arcaicos, clássicos ou helenísticos, cedo assumiram a missão de dotar as narrativas do folclore judaico-cristão desse sopro de erudição. O texto grego dos Evangelhos era, em si mesmo, a reconstrução literária de uma biografia muito especial, vivida e primitivamente divulgada, na sua vertente oral, noutra idioma que não o Grego. Por isso metade dos evangelistas (Mateus e Marcos) transmite as derradeiras palavras de Jesus em aramaico (Mt. 27.45-47; Mc. 15.33-35), ao passo que João (19.30) e Lucas (23.46) registam uma versão em Grego mais literária, no último caso parte do salmo 31.6. Não menos significativo é o facto de que sejam também os dois autores primeiramente referidos (Mt. 26.46; Mc. 15.35) os que sentem necessidade de explicar aos seus leitores o que significam as palavras em aramaico, dando desde logo uma tradução. Isto é, demonstram escrever consciente-mente para um público já helenizado (o público leitor

Texto recebido em 14.07.2017 e aceite para publicação em 15.12.2017.

¹ carlosamjesus@gmail.com.

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 20 (2018) 135-153 — ISSN: 0874-5498

imperial e bizantino), para quem o Grego era ou língua de cultura, ou mesmo do quotidiano.

Tratava-se, em alguns casos, de comentar sob os preceitos da moral cristã e em clave alegórica as principais obras da antiguidade (Homero, Platão, os trágicos, mas também Virgílio). Temas como os do Platonismo cedo foram assimilados à filosofia cristã, a eles devedora, de resto, desde as suas origens pré-literárias. Poetas e filósofos, mas também matemáticos ou Padres da Igreja, compuseram extensas obras, tanto em prosa como em verso, que obedecem a esse princípio. Ainda no século XII, João Tzetzes compôs umas *Alegorias da Ilíada*, nas quais explicava, em verso político, a história e a teologia homéricas, procurando a sua adequação à teologia cristã, para o que parece ter sido um encargo da Imperatriz. Nestes e noutros casos, o que está em causa é um processo de **ressemantização cristã**. Noutros, o processo (igualmente dúplice) deve ser entendido no sentido inverso. Falamos da composição poética (expressão que contempla a prosa) de obras de assunto cristão sob um modelo formal da literatura grega. Pode neste caso falar-se, para criar um conceito, de **reformulação clássica** da literatura cristã, cuja fonte primordial, os Evangelhos, eram já escritos em Grego e, como mínimo, a reformulação literária de uma história real, ainda que empenhada em chegar às camadas populares.

O primeiro exemplo que nos ocorre é o da *Paráfrase do Evangelho de João*, obra muito divulgada e utilizada como fonte da autoria de Nono de Panópolis (séc. IV-V d.C.), o mesmo que compôs os cerca de 21.000 hexâmetros das *Dionisiacas*, como é sabido acerca da mitologia pagã. Mas também os dois livros da numeração moderna da *Antologia Grega* inteiramente dedicados a recolher epigramas de autores cristãos, o II e o VIII. O primeiro está constituído por 123 componentes pouco extensos que comentam ou fazem a descrição de obras plásticas de tema cristão, ao passo que o oitavo é formado por 256 epigramas do que seria a mais vasta coleção de poesias de Gregório de Nanzianzo (patriarca de Constantinopla, teólogo e poeta do século IV). A grande maioria dos epigramas recolhidos de Gregório são ou têm relação com o género do epitáfio, exaltando no metro e com a fraseologia da poesia grega os valores morais de determinado defunto, de Deus, de Cristo, de Maria ou dos santos.

A Constituição que em 17 de junho de 362 fez aprovar Juliano — o que ficaria conhecido como “apóstata” por esta e outras medidas de luta contra o paganismo — proibia aos cristãos o ensino de gramática e retórica, alegando a índole pagã dos textos utilizados para o efeito; “se querem ensinar literatura — instituíam — têm a Lucas e Marcos; voltem às suas igrejas e comentem-nos”². Dita medida implicava, sem mais, a marginalização da tradição cristã de matriz greco-romana, a negação do valor das gerações de apologetas dos séculos anteriores. Como reação, e para que a mitologia cristã pudesse ser utilizada nas aulas destes mestres de formação clássica, o texto dos Evangelhos foi alegoricamente interpretado (e.g. os comentários dos Doutores da Igreja), reescrito em prosa e em verso (Nono de Panópolis, Cirilo) e, exemplo extremo, recomposto com os próprios versos dos autores antigos (Homero e Virgílio sobretudo), reordenados com não mais do que pequenas adaptações para contarem, com palavras alheias, uma mesma história. Assim surgia o género do centão bíblico e, dentro deste, o subgénero do homerocentão cristão, variante concreta de um género literário muito antigo³. Como a própria palavra parece indicar⁴, um centão é um *patchwork*, um processo de composição literária a partir de versos reordenados (e apenas em alguns casos ligeiramente adaptados) de outra obra. E também o é um homerocentão, cuja técnica compositiva consiste, muito basicamente, na reordenação de versos colhidos nos dois poemas Homéricos, para, apenas com as alterações gramaticais e lexicais mínimas necessárias, contar outra história — na maioria dos casos, a de Cristo.

O reconhecimento crítico destes textos padeceu de um preconceito desde a Antiguidade até pelo menos a primeira metade do século XX. Ambos, teóricos literários antigos e modernos (os últimos de influência romântica) apontavam como seu principal *defeito* a falta de originalidade, ignorando em

² Apud BROWN (1971) 93. Cf. PRIETO DOMÍNGUEZ (2011) 66-72.

³ Sobre o género dos centões vd. PRIETO DOMÍNGUEZ (2009); idem (2011) 13-79; SANDNES (2011) 107-124. Para o caso específico dos homerocentões cristãos vd. USHER (1997); SANDNES (2011) 124 + 236-243.

⁴ Tem-se associado a designação do género ao termo latino *cento* (um *patchwork* de tecidos), embora também a etimologia grega de κέντρον (um pau cravado, uma lança), aludindo ao carácter satírico destes textos no período clássico e imperial, seja possível. Vd. SANDNES (2011) 108 e n. 2.

muitos casos que era precisamente na sua técnica compositiva de empréstimo que residia o seu mérito, a sua originalidade no fundo. Porque um centão é isso mesmo, um poema cujo processo de composição, mais do que o seu resultado, é um jogo, um exercício de erudição que explora os limites da paráfrase. De resto, já durante a Alta Idade Média estas composições receberam duras críticas da elite religiosa ortodoxa⁵, que recusava ver as palavras de Deus (mas também as vidas e os milagres dos santos) associadas e maculadas pelas palavras de Homero; o mesmo Homero, justamente ele, que para os literatos cristãos mais radicais era o símbolo mais completo do paganismo por fim vencido. Basta recordar S. Jerónimo, que recusava desta forma este tipo de cristianização da poesia canonizada: *puerilia sunt haec et circumlatorum ludo similia* (*Epist.* 53.7). Já a crítica contemporânea, acredita-se que despertou para o género, ainda que timidamente, após a conferência de Paul Mouraux em 1978 em Toulouse (MOURAUX 1980), num contexto de florescimento dos próprios estudos bíblicos.

Pese embora esta desfortuna crítica, temos a sorte de possuir — para nos referirmos apenas aos centões Homéricos de tema cristão — pelo menos um exemplar completo ou próximo da completude. Trata-se, na sua recensão mais extensa (vd. infra), de um poema em 2.354 hexâmetros da autoria final de Eudócia Augusta, imperatriz de Teodósio II (imp. 404-450 d.C.). Um outro evangelho, no fundo, que poderíamos nomear *segundo Eudócia Augusta* ou mesmo *segundo Homero*. Como a autora mesma confessa no poema-prefácio (ed. USHER 1999: IX-X) que antecede dita reescrita em versos Homéricos dos mitos da criação do Génesis e da vida de Jesus⁶, a sua obra é o resultado do trabalho sobre uma versão incompleta e imperfeita anterior, atribuída a um Bispo Patrício⁷ (e da qual AP 1.119 parece ser um poema-epígrafe ou resumo posterior):

Ἦδε μὲν ἱστορίη θεοτερπέος ἐστὶν ἀοιδῆς.
 Πατρικίος δ', ὃς τῆνδε σοφῶς ἀνεγράψατο βιβλόν,
 ἔστι μὲν ἀνάοιο διαμπερὲς ἄξιος αἴνου,
 οὐνεκα δὴ πάμπρωτος ἐμήσατο κύδιμον ἔργον.

⁵ O assunto é analisado por SANDNES (2011: 124-139), com a principal bibliografia.

⁶ Vide a estrutura completa do poema in SANDNES (2011) 182-183.

⁷ Para a sua identificação vd. USHER (1997) 316-317.

ἀλλ' ἔμπης οὐ πάγχυ ἐτήτυμα πάντ' ἀγόρευεν· 5
οὐδὲ μὲν ἀρμονίην ἐπέων ἐφύλαξεν ἅπασαν,
οὐδὲ μόνων ἐπέων ἐμνήσατο κείνος ἀείδων,
ὅπποσα χάλκεον ἦτορ ἀμεμφέος εἶπεν Ὀμήρου.
ἀλλ' ἐγὼ ἡμιτέλεστον ἀγακλεῆς ὡς ἶδον ἔργον 10
Πατρικίου, σελίδας ἱεράς μετὰ χεῖρα λαβοῦσα,
ὄσσα μὲν ἐν βίβλοισιν ἔπη πέλεν οὐ κατὰ κόσμον,
πάντ' ἄμυδις κείνοιο σοφῆς ἐξείρυσά βιβλον·
ὄσσα δ' ἐκείνος ἔλειπεν, ἐγὼ πάλιν ἐν σελίδεσσι
γράψα καὶ ἀρμονίην ἱεροῖς ἐπέεσσιν ἔδωκα.

*Esta é a história de um canto agradável a Deus.
Patrício, que sabiamente assinou este livro,
é para sempre merecedor de fama imortal,
pois foi quem primeiro esboçou esta gloriosa obra.
Mas não contou tudo de forma completamente verdadeira, 5
não conservou toda a harmonia dos versos
nem no seu canto teve em mente apenas esses versos
que o brônzeo peito do imaculado Homero cantou.
Quando, porém, vi semi-acabada a obra gloriosa
de Patrício, lancei mão das páginas sagradas 10
e, os versos que estavam nos seus rolos fora de ordem,
retirei-os todos de uma vez desse livro avisado;
e quanto deixou de fora, de novo nas suas páginas
o escrevi e concedi a sagrada harmonia às suas palavras.*

E prossegue, no mesmo texto, por defender abertamente a legitimidade da sua obra, pese embora a sua condição de mulher (vv. 32-36):

ἀλλ' ἔμπης ξυνὸς μὲν ἔφν πόνοσ ἀμφοτέροισι,
Πατρικίῳ κἀμοί, καὶ θηλυτέρῃ περ εὐούση·
κείνοσ δ' ἦρατο μούνοσ ἐν ἀνθρώποισ μέγα κῶδοσ,
ὄσ πᾶμπρωτοσ ἐπήξατο κλεινὸν ἔδοσ γε δόμοιο
καλὴν ἐξανάγων φήμην βροτέοιο γενέθλησ.
Não obstante, o esforço foi partilhado por ambos,
por Patrício e por mim, embora sendo uma mulher.
Mas só ele entre os homens recebeu grande glória,
pois foi quem primeiro assentou os alicerces da casa,
provocando a bela reputação da raça humana.

Não deixa de ser curioso que, no tocante ao género dos centões cristãos, o contraponto latino do género seja também uma mulher: Faltónia Betícia Proba (entre 306/315 — 353/366), no seu caso apenas o membro de uma

família da aristocracia da Roma cristã. Compôs, por volta do ano 362, o *Cento Vergilianus de laudibus Christi* (conhecido apenas por *De laudibus Christi*)⁸, o mais extenso centão virgiliano conservado, 694 versos extraídos de diversas obras de Virgílio com pouquíssimas modificações (neste caso, com a introdução dos nomes bíblicos). O poema divide-se num proémio com a invocação (linhas 1-55), episódios do Antigo Testamento (linhas 56-345), episódios do Novo Testamento e do Apocalipse (linhas 346-688). A oriente e ocidente, Eudócia e Proba relacionam a ascensão da mulher a figura pública e da elite cultural na Antiguidade tardia⁹ com o género dos centões, que fosse talvez para estas autoras uma boa forma de patentear a sua formação clássica, aliado à ortodoxia (autêntica ou fingida) que se lhes exigia.

Voltemos a Eudócia e ao seu longo homerocentão. Antes de REY (1998) e de USHER (1999), o texto só havia sido editado incompleto, desde a edição de Stephanus (1578) até à Teubneriana de LUDWICH (1897). A estas edições, baseadas num único manuscrito (Paris. Gr. suppl. 388, séc. X), faltava uma parte considerável do poema, e acredita-se atualmente que dito manuscrito continha a revisão da Imperatriz sobre a versão de Patrício, não a versão final da sua obra, que se considera a copiada num outro manuscrito (Mt. Athos, *Iviron* 4464)¹⁰. Este manuscrito, já do século XIII, acrescenta em dez fólios partes importantes do poema ausentes do parisino¹¹, entre as quais o episódio

⁸ Veja-se CLARK (1986) 124-152.

⁹ Essa a tese demonstrada no livro seminal de STEVENSON 2005 (esp. pp. 59-82).

¹⁰ Sobre a tradição manuscrita dos *Homerocentones* vd. USHER (1997) e especialmente SCHEMBRA (2007: XXV-LXXIV).

¹¹ São elas, segundo as epígrafes em Grego do manuscrito: *Περὶ τοῦ ἐν Κανὰ τῆς Γαλιλαίας γάμου; Περὶ τῶν μαθητῶν καὶ τῶν διαφόρων θεραπευθέντων; Περὶ τῆς θυγατρὸς τοῦ βασιλικοῦ; Περὶ τῶν ὄχλων καὶ τοῦ παιδὸς τοῦ ἑκατοντάρχου; Περὶ τοῦ ἐν Καπερναοῦμ παραλύτου; Περὶ τοῦ ἐν τῇ Προβατικῇ παραλύτου; Περὶ τοῦ ἐκ γενετῆς τυφλοῦ; Περὶ τῶν ἐνοδίων τυφλῶν; Περὶ τοῦ λεπροῦ; Περὶ τῆς πενθερᾶς Πέτρου; Περὶ τοῦ λεγεῶνος καὶ τῶν χοίρων; Περὶ τοῦ χωλοῦ καὶ ξηρὰν ἔχοντος χεῖρα; Περὶ τοῦ κωφοῦ; Περὶ τῆς Χαναναίας; Περὶ τοῦ υἱοῦ τῆς χήρας; Περὶ τῆς Σαμαρείτιδος; Περὶ τῆς αἰμορροῦσης; Περὶ τοῦ σεληνιαζομένου; Περὶ τῆς μεταμορφώσεως; Περὶ τοῦ σάλου τῆς θαλάσσης; Περὶ τῶν πέντε ἄρτων; Περὶ τῆς ἐν θαλάσσει πεζοπορίας; Περὶ τῶν ἑπτὰ ἄρτων; Περὶ τοῦ Λαζάρου; Περὶ τῶν βαΐων; Περὶ τοῦ μύρου; Περὶ τοῦ μυστηρίου; Περὶ τοῦ νιπτῆρος; Περὶ τῆς προδοσίας; Περὶ τῆς ἀρνήσεως Πέτρου; Περὶ*

de Lázaro, sobre o qual adiante nos deteremos. O texto foi finalmente editado por SCHEMBRA (2007), autor que contempla as cinco versões do poema (*conscriptio prima*, *conscriptio segunda*, A, B e Γ) e colige a lição de nada menos que 43 manuscritos (datáveis entre os séculos X-XVIII) para editar um texto que, variando ligeiramente a numeração dos versos, na realidade pouco se afasta da anterior de Usher (1999) — a qual, não obstante, recebe ferozes e extensíssimas críticas da parte do editor italiano (SCHEMBRA 2007: XC-CCXXIX). A primeira redação do poema, a que teria sido original-mente composta por Patrício no século IV e revista no início do século seguinte pela imperatriz, consta de 2.354 hexâmetros, ao passo que a segunda, atribuída ao filósofo Óptimo ou a Cosme de Jerusalém mas na verdade *adespota*, consiste numa revisão que encurta o poema em pelo menos 700 versos. Quanto a A, B e Γ, trata-se de versões curtas com, respetivamente, 622, 653 e 738 versos.

Eudócia deixa claro, no prefácio que acima transcrevemos e que já mencionava Zonaras (13.23) no século XI, que o poema de Patrício não estava acabado, que mentia em alguns pontos e, sobretudo, não preservava a *harmonia* dos versos, o que deve aludir à inclusão de linhas não homéricas. Prática — a que poderíamos designar como do centão imperfeito — que, a avaliar pelos exemplos de Patrício, nos finais do século IV, e de Cometas, cinco séculos passados¹², seria comum. A outro nível, as várias referências à música no Prefácio sugerem a forte possibilidade da performance oral destes

τῆς σταυρώσεως τοῦ κυρίου; Περί τῆς ταφῆς τοῦ κυρίου; Περί τοῦ ἄδου ἀθλίου; Περί τῆς ἀναστάσεως; Περί τῆς Γαλιλαίας; Περί Θωμᾶ.

¹² Cinco séculos volvidos sobre a Imperatriz, na segunda metade do século IX, Cometas (*AP* 15.40) reescreveu, no que pode considerar-se um exemplar do género imperfeito dos homerocentões cristãos, o mesmo episódio de Lázaro que este trabalho comenta para o caso de Eudócia. Cometas — ele próprio dito “o Gramático” e, ao que se sabe, editor em minúscula dos Poemas Homéricos —, soube desenvolver a mesma **hiperacomodação semântica** que analisaremos em Eudócia, para mais num epigrama cuja maioria dos versos não são de resto empréstimos de Homero, antes da sua própria forja. Transforma o quadro de lamento do defunto cristão no lamento de um herói e introduz com arte, logo a início, o tema agónico edificante de todo o poema. Influenciado pela obra de Eudócia, que ao seu tempo devia ser um clássico, o seu trabalho consiste mais numa reinterpretação pela re-significação de diversos elementos narrativos que transformam Jesus e Lázaro no novo par romântico que fora Aquiles e Pátroclo. Sobre este texto vd. FLOYD (1998), idem (1999).

poemas (apud. USHER, 1998: 22), evidência que poderia explicar a existência das distintas recensões do poema, dada a sua extraordinária divulgação nos séculos de Bizâncio. Não obstante, tem-se também reforçado a sua pertença a uma já forte cultura do livro (apud SOWERS, 2006: 79-84).

Apesar das duríssimas críticas que recebeu da parte de Schembra, o trabalho de USHER (1998) constitui, no nosso entendimento, um valioso modelo interpretativo do poema, sobretudo no que respeita às subtilezas e evidências da sua técnica compositiva. Desde logo, esclarece o tipo de interesse e abordagens críticas legítimas de um poema centonário, pondo definitivamente de parte avaliações de cariz romântico pré-estruturalista. Processual e interpretativamente, estabeleceu e desenvolveu com exemplos os conceitos operativos de **acomodação gramatical** e **acomodação semântica** (1998: 35-56), partes fundamentais do processo de seleção e organização das linhas homéricas no contexto de um novo poema centonário. Adiante, estudei por via do exemplo da versão da Imperatriz para o episódio da Anunciação (vv. 202-268) o princípio de adaptação a uma **cena-tipo** da épica de um episódio da tradição bíblica.

Como caso de estudo, centremo-nos nos 71 versos que reescrevem com as palavras homéricas o episódio da ressurreição de Lázaro (**Apêndice 1** = 1236-1306 Schembra; 1228-1299 Usher), episódio fulcral no percurso rumo à morte e à salvação na medida em que foi o último milagre de Cristo, imediatamente antes de ser preso e julgado. A verdade é que editar, ler e traduzir um texto como o de Eudócia implica a observância de um conjunto de especificidades que, pelo exemplo da reescrita do milagre de Lázaro, gostaríamos de explorar.

Notar, para já, que a simples presença do episódio da ressurreição de Lázaro na linha narrativa do poema de Eudócia torna inevitável uma primeira conclusão — que era sobretudo *João* o evangelho seguido e parafraseado pelos intelectuais bizantinos. O mesmo, recordemos, que parafraseara Nono de Panópolis (séc. IV-V d.C.). Depois — e falando apenas, para o momento, a um nível textual —, **as palavras que no texto em apêndice vêm destacadas a negrito** constituem as únicas alterações aos hexâmetros homéricos detetadas no texto da edição de Schembra (2007), a que seguimos, podendo mesmo, num ou noutro caso, terem sido colhidas de uma tradição

manuscrita menor. Como assinalamos no nosso aparato, relativo apenas à relação com o original homérico, pode ser esse o caso do verso 1259 (= *Il.* 24.301 = 1252 Usher), onde a lição comumente editada transmite Δύ (“a Zeus”), mas outros manuscritos copiam θεΐω (“a deus”, logo “a Deus”); mas também do verso 1287 (= *Od.* 16.176 = 1280 Usher), onde a lição ἐθειράδες, transmitida por todos os manuscritos do poema centonário, é também atestada no aparato crítico das melhores edições da *Odisseia*. Cabe perguntar, por estes exemplos, em que medida o texto de Eudócia pode ser reflexo de aspetos da transmissão bizantina de Homero, assunto que, já de ampla bibliografia¹³, ganharia com uma análise da transmissão manuscrita dos *Homero-centones*.

Tematicamente, o poema mantém a todo o momento um sabor homérico, ao mesmo tempo que a cena cristã sempre está clara, o que seria o resultado também da sua audição e haveria que saber manter em tradução. Talvez como quem sugere que os sentimentos humanos acerca do divino sempre foram o mesmo, as dores e as alegrias de Aquiles com relação a Pátroclo são assimiladas às de Cristo para com a morte do seu *bom amigo* Lázaro. φίλος ἑταῖρος, no v. 1244 (= 1237 Usher) e de novo em 1267 (= 1259 Usher) e 1279 (= 1272 Usher), recorda passos como *Il.* 17.642 e *Il.* 22.390. No primeiro caso, os Argivos receiam contar a notícia da morte de Pátroclo a Aquiles, enquanto que no segundo, imediatamente antes de matar Heitor, o Pelida lembra a todos o nome que motivou a sua vingança. Ou como, para o detalhe tão comentado do choro de Jesus (ἐδάκρυσεν ὁ Ἰησοῦς, *Jo.* 11.35) — o mais curto versículo do *Novo Testamento* —, se recolhe um hexâmetro da *Ilíada* que descreve o pranto de Aquiles antes de atear fogo à pira de Pátroclo (ᾠμωξέν τ’ ἄρ’ ἔπειτα, φίλον δ’ ὀνόμηεν ἑταῖρον, v. 1279 [1272 Usher] = *Il.* 23.178). Deus ou Jesus vêm, na maior parte das vezes, mencionados com os termos gregos ἄναξ (e.g. v. 1253 [1246]) e θεός (v. 1254 [1247], 1277 [1270], 1291 [1284], 1301 [1294], 1303 [1296]), o que em ambos os casos seria entendido como o Senhor, Deus com maiúscula. A verdade é que se evitam ao máximo nomes próprios e outro tipo de toponímia cristã, regra a que escapa talvez

¹³ Além das informações contidas nos clássicos estudos de KIRK (1962, repr., 2015) 301-315 e BROWNING (1975), mais em específico sobre a transmissão textual de Homero no período bizantino é o estudo de HASLAM (1997) 55-100.

apenas a referência ao Inferno como Hades, nos vv. 1239 [1232], 1266 [1259] e 1284 [1277]), já usado no *Apocalipse de João* com o mesmo significado¹⁴. Um texto que vive, no fundo, da **ressemantização leitora**, i.e., de um processo retórico que depende em exclusivo da natureza instruída e cristã do seu público — o que, como tal, deve refletir-se numa tradução. Um caso paradigmático pode ser a interpretação de θεὸς ἡδὲ καὶ ἀνὴρ (v. 1277 [1270]), onde o sintagma homérico que designa a ninfa Calipso e Aquiles é mantido para significar a natureza unitária de Cristo (em tradução, “Aquele que é Deus e homem”). Outro, o uso sem alterações de *Il.* 10.162, onde Diomedes desperta do sono, para referir-se à ressurreição de Lázaro (v. 1283 [1276]), o que recordaria aos ouvintes os versículos 11-13 do capítulo 11 do *Evangelho de João*, onde a mesma metáfora do sono para a morte é usada — e logo desmontada — por Jesus.

Sobretudo as relações do episódio bíblico com o par narrativo Aquiles/Pátroclo levaram-me a defender, num artigo à data submetido para publicação a propósito do pastiche epigramático de Cometas (séc. IX), um novo conceito operativo, um acréscimo ao já proposto por USHER (1998), que designo de **híper-acomodação semântica** (Jesus/ Lázaro — Aquiles/Pátroclo). Um processo que vai além da cena-tipo, como definida por Usher (1998: 88-94), na medida em que associa, mais além do episódio em causa, duas personagens míticas com outras duas que, no mínimo, iniciaram já esse processo de mitificação¹⁵. Independentemente das especulações sem real justificação a propósito do débito dos evangelistas aos Poemas Homéricos, parece certo que os poetas centonários recaracterizavam os seus personagens à imagem detetável de um herói homérico, como também as cenas-tipo se repetiam.

Apresenta-se de seguida uma proposta de tradução, em verso branco, para o caso específico do poema de Eudócia. Como se foi dizendo, uma

¹⁴ καὶ ὁ ἄδης ἠκολούθει μετ' αὐτοῦ (6.8); καὶ ὁ θάνατος καὶ ὁ ἄδης ἔδωκαν τοὺς νεκροὺς τοὺς ἐν αὐτοῖς, καὶ ἐκρίθησαν ἕκαστος κατὰ τὰ ἔργα αὐτῶν (20.13); καὶ ὁ θάνατος καὶ ὁ ἄδης ἐβλήθησαν εἰς τὴν λίμνην τοῦ πυρός (20.14).

¹⁵ Sobre a tradição antiga da interpretação homoerótica da relação entre Aquiles e Pátroclo vd. SANZ MORALES-LAGUNA MARISCAL (2003) e LAGUNA MARISCAL-SANZ MORALES (2005).

versão funcionará em Português tanto quanto consiga reproduzir o que seria o entendimento cristão de um ver-sejar reconhecidamente homérico. Isso implica, desde logo, uma série de maiúsculas a iniciar nomes que nos Poemas eram comuns, além de outras especificidades (morfológicas, sintáticas e semânticas) — as *acomodações* que definiu USHER 1998. No final do trabalho acrescentamos uma bibliografia que, além dos títulos citados, contempla o principal do que foi escrito sobre Eudócia e o seu poema, de extrema necessidade para a concretização de dita tradução.

Apêndice 1: *Homerocontones 1236-1306* [apud Schembra 2007: 82-87]

<i>ὦς ὁ μὲν ἔνθα κατέσχετ', ἐπειγόμενός περ ὁδοῖο,</i>	o 3.284
<i>εὔτε δὲ ἥλιος φαέθων ὑπερέσχεθε γαίης,</i>	i 11.735
<i>οἶον καὶ τόδ' ἔρεξε καὶ ἔτλη καρτερός ἀνήρ·</i>	o 4.271
<i>ἄνδρα θνητὸν περ, εἰς Αἰδὸς κεν ἰόντα</i>	i 16.441+i 13.415
<i>αὐτίς ἀναστήσαιο ὑπὸ ζόφου ἠερρόεντος.</i>	i 21.56 [1240]
<i>δὴ τότε γὰρ τις ἔειπε γυναικῶν, ἢ σάφα ἦδη,</i>	o 2.108
<i>οἴκτρ' ὀλοφυρομένη, θαλερόν κατὰ δάκρυ χέουσα.</i>	o 10.409
<i>“πεύσεαι ἀγγελίης, ἢ μὴ ὄφελλε γενέσθαι,</i>	i 18.19
<i>λυγρῆς ἀγγελίης, ὅτι σοὶ φίλος ὤλεθ' ἑταῖρος·</i>	i 17.642
<i>λυγρῆς, ἢ τέ μοι αἰὲν ἐνὶ στήθεσσι φίλον κῆρ</i>	o 1.341 [1245]
<i>τείρει, ἐπεὶ με μάλιστα καθίκετο πένθος ἄλαστον.</i>	o 1.342
<i>καὶ γὰρ ἐμὸς τέθνηκεν ἀδελφεός, οὗ τι κάκιστος.</i>	o 4.199
<i>τέτρατον ἡμᾶρ ἔην, καὶ τῷ τετέλεστο ἅπαντα,</i>	o 5.262
<i>τύμβος τε στήλη τε· τὸ γὰρ γέρας ἐστὶ θανόντων.</i>	i 16.457
<i>ἀλλ' εἴ τοι φίλος ἐστὶ, τεὸν δ' ὀλοφύρεται ἦτορ,</i>	i 16.450 [1250]
<i>ἀλλὰ σύ γ' ὄρνυθι τοῦτον, ἐπειγέσθω δὲ καὶ αὐτός</i>	i 6.363
<i>ζῶς ἐών· νῦν αὖ θάνατος καὶ μοῖρα κιχάνει.</i>	i 17.468
<i>νῦν ἐλέαιρε, ἄναξ· ἰκέτις δέ τοι εὐχομαι εἶναι.”</i>	o 5.450
<i>ὦς εἰποῦσ' ὀλόλυξε, θεὸς δέ οἱ ἔκλυεν ἀρῆς.</i>	o 4.767
<i>ὦς φάτο, τὸν δ' ἄχος ὀξὺν κατὰ φρένα τύψε βαθείαν,</i>	i 19.125 [1255]
<i>καὶ μιν φωνήσας ἔπεα πτερόεντα προσηύδα·</i>	i 1.201
<i>“ὦ γύναι, ἢ μάλα τοῦτο ἔπος θυμαλγὲς ἔειπες.</i>	o 23.183
<i>ὦ γύναι, οὐ μὲν τοι τὰδ' ἐφιεμένη ἀπιθήσω·</i>	i 24.300
<i>ἐσθλὸν γὰρ θείῳ χεῖρας ἀνασχέμεν αἶ κ' ἐλεήση.</i>	i 24.301
<i>θάρσει, μὴ τοι ταῦτα μετὰ φρεσὶ σῆσι μελόντων.</i>	o 13.362 [1260]
<i>ἦδη γὰρ μοι θυμὸς ἐπέσσεται ὄφρ' ἐπαμύνω</i>	i 6.361
<i>ρήϊδίως· τοῖός τοι ἐγὼν ἐπιτάρροθος ἦα.</i>	i 5.808
<i>δαιμονίη, μὴ μοί τι λίην ἀκαχίζω θυμῶ·</i>	i 6.486
<i>θάρσει, μηδέ τί τοι θάνατος καταθύμιος ἔστω.</i>	i 10.383
<i>ᾧδε γὰρ ἐξερέω, τὸ δὲ καὶ τετελεσμένον ἔσται·</i>	i 1.212 [1265]

εἰ δὲ θανόντων περ καταλήθοντ' εἰν Αἴδαο,	i 22.389
αὐτὰρ ἐγὼ καὶ κείθι φίλου μεμνήσομ' ἑταίρου.	i 22.390
ἄψ ἔθέλω θανάτοιο δυσηχέος ἐξαναλῦσαι.	i 16.442
καὶ δέ με θυμὸς ἄνωγεν, ἐπεὶ μάθον ἔμμεναι ἐσθλός.	i 6.444
μηκέτι νῦν θαλερόν γόνον ὄρνυθι · οἶδα καὶ αὐτός .	o 10.457 [1270]
ἀλλ' ἴσχεο κλαυθμοῖο γόοιό τε δακρυόεντος.	o 24.323
ἦ γὰρ κέν μιν ἔπειτα καὶ ἐκ θανάτοιο σαώσω ."	o 4.753
ὡς φάτο, τῆς δ' εὐνήσε γόνον, σχέθε δ' ὄσσε γόοιο.	o 4.758
Ἦς ἄρα φωνήσας ἠγήσατο· τοὶ δ' ἅμ' ἔποντο	i 12.251
μυριοί, ὅσά τε φύλλα καὶ ἄνθεα γίγνεται ὦρη.	i 2.468 [1275]
ἀλλ' ὅτε δὴ μέσσην ἀγορὴν πολύφημον ἰκέσθην,	o 2.150
ἴξεν γ' ἐς σπείος γλαφυρόν θεὸς ἠδὲ καὶ ἀνὴρ.	o 5.194
ἰστάμενοι δ' εἶροντο περὶ σπέος ὅτι κεν ἔρδοι.	o 9.402+i 10.503
ᾧμωξέν τ' ἄρ' ἔπειτα, φίλον δ' ὀνόμηνεν ἑταῖρον·	i 10.522
στῆ δ' ἄρ' ὑπὲρ κεφαλῆς καὶ μιν πρὸς μῦθον ἔειπεν·	o 4.803 [1280]
ὄρνυθι , μηδ' ἔτι κείσο·" σέβας δ' ἔχεν εἰσορόωντας	i18.178+o 3.123
"σοὶ δ' αὐτῶ τὸδ' ἐγὼν ἐπιτέλλομαι ἠδὲ κελεύω."	i 19.192
ὡς φάθ', ὃ δ' ἐς ὕπνοιο μάλα κραιπνῶς ἀνόρουσεν.	i 10.162
ὡς μὲν ἔπειτ' ἀνένεικε καὶ ἤγαγεν ἐξ Αἴδαο	i 1.312+o 11.625
φθηγξάμενος· τὸν δ' αἶψα περὶ φρένας ἤλυθ' ἰωή.	i 10.139 [1285]
ἄψ δὲ μελαγχροίης γένετο, γναθμοὶ δ' ἐτάνυσθεν.	o 16.175
κῦάνεαι δὲ γένοντο ἐθειράδες ἀμφὶ γένειον.	o 16.176
αὐτὰρ ἐπεὶ ἄμπνυτο καὶ ἐς φρένα θυμὸς ἀγέρθη,	o 24.349
ἔσσυτ' ἀναθορών καὶ ὑπέρβη λάϊνον οὐδόν.	o 14.34+o 16.41
ἔσθη δ' ἐν μέσσοισι· τάφος δ' ἔλεν ἀνδρα ἕκαστον.	o 24.441 [1290]
καρπαλίμως δ' ὄδ' ἔπειτα μετ' ἴχνια βαίνε θεοῖο.	o 2.406
πάντας δὲ τρόμος αἰνὸς ὑπήλυθε γυνῖα ἑκάστον,	o 7.215
ὡς εἶδον ζῶόν τε καὶ ἀρτεμέα προσιόντα.	i 5.515
ᾧδε δὲ τις εἶπεσκεν ἰδὼν ἐς πλησίον ἄλλον·	i 2.271
"ὦ πόποι, ἦ μέγα θαῦμα τὸδ' ὀφθαλμοῖσιν ὄρωμαι·	i 13.99 [1295]
οὐ γάρ πω ἰδόμην, οὐδ' ἔκλυον ἀυδήσαντος,	i 10.47
ἀθάνατον θεὸν ᾧδε βροτοὺς ἀγαπαζέμεν ἄντην.	i 24.464
καὶ νῦν ἐξεσάωσεν οἰόμενον θανέεσθαι.	i 4.12
οὐ γάρ πως ἂν θνητὸς ἀνὴρ τάδε μηχανόωτο.	o 16.196
οἶον ὃ δ' αὐτ' ἐξαυτίς ἀνέστη κῆρας ἀλύξας,	i 15.287 [1300]
ταρβήσας, ὅτ' ἄκουσε θεοῦ ὅπα φωνήσαντος.	i 20.380
ᾧ φίλοι, οὐ μὲν πῶ τι πάρος τοι<οὔτ>ον ἐτύχθη,	o 18.36
οἶην τερπωλῆν θεὸς ἤγαγεν ἐς τόδε δῶμα."	o 18.37
καὶ τότε δὴ πρόπαν ἡμᾶρ ἐς ἠέλιον καταδύντα,	i 1.92+i 1.601
πάντες ὀμηγερέες γ' ἡμὲν νέοι ἠδὲ γέροντες,	i 2.789 [1305]
χεῖρας ἀνίσχοντες μεγάλ' εὐχετόωντο ἕκαστος.	i 8.347

1237 δὲ] γὰρ 1237 κεν ἰόντα] περ ἰόντα 1241 δὴ τότε γὰρ] καὶ τότε δὴ 1242
ὀλοφυρομένη ... χέουσα] ὀλοφυρομένους ... χέοντας 1244 σοι] οἱ 1249 τύμβος τε
στήλη] τύμβω τε στήλη 1253 νῦν] ἀλλ' 1254 θεός] θεά 1258 τάδ'] τὸδ' 1259 θείω] Δι
1262 τοῖός τοι] τοίη οἱ 1268 ἐθέλω] ἐθέλεις 1269 καὶ δέ] οὐδε 1270 ὄρνυθι ... αὐτὸς]
ὄρνυθε ... αὐτὴ 1272 ἦ] ἢ σαώσω] σαώσαι 1277 ἴξεν γ' ἐς] ἴξον δὲ 1281 ὄρνυθι] ἀλλ'
ἄνα / δ' ἔχεν εἰσορόωντας] μ' ἔχει εἰσορόωντας 1284 ὦς] οἱ / ἀνένεικε] ἀνένεικα /
ἦγαγεν] ἦγαγον 1287 δὲ γένοντο] δ' ἐγένοντο / ἐθειράδες] γενειάδες (*sed* ἐθειράδες
Od. k, γρ. O: cit. Schol. Theocr. i.34, v. l. ap. Eust.) 1288 ἄμπνυτο] ῥ' ἔμπνυτο (*sed Od.*
habet ἔμπνυτο codd.) 1289 ἀναθορών] ἀνὰ πρόθυρον 1290 ἔστη] ἔσταν 1291 δ' *deest*
in Od. 1292 πάντας] Τρωῶας 1300 ὁ δ'] δὴ 1302 τοι<οὔτ>ον *restituit Schembra coll. Od.* 1305
γ' *deest in Il.*

*Ele aí se deteve, embora estivesse para seguir caminho,
e, quando o sol com seu brilho se pôs sobre a terra,
que feitos praticou e aguentou aquele homem forte!,
um homem mortal que, tendo entrado no Hades,
de novo voltou à vida desde a escuridão tenebrosa. 1240
Assim falou uma das mulheres que estava por perto,
entre lamentos e derramando abundantes lágrimas:
“A nova que escutarás, oxalá não tivesse acontecido,
nova terrível — morreu o amigo que tanto amavas;
terrível, que o coração querido do peito me arrebatava,
pois que em mim reside uma dor que se não olvida. 1245
Morreu o meu irmão, ele que não era covarde de todo.
É já o quarto dia, e tudo está perfeitamente disposto,
a sepultura e a estela — a honra devida aos defuntos.
Se de verdade o amas e se ressentido o teu coração,
ergue-o agora tu, e que por si mesmo se apresse
a voltar à vida. Por agora, encontrou a morte e o destino.
Compadece-te, Senhor! A ti chego como suplicante.”
Tendo isso dito, deu um grito e o Senhor ouviu a sua prece.
Assim falou, uma dor aguda lhe atingiu o profundo espírito,
e para lhe responder proferiu estas palavras aladas: 1255
“Mulher! Sem dúvida proferiste uma palavra dolorosa!
Mulher! Ao que disseste não hei de eu virar o rosto!
Mais vale erguer as mãos a Deus, e talvez ele se compadeça.
Sê valente, e não deixes que se te atormente o coração. 1260
Já o Espírito me ordena que conceda o meu auxílio
facilmente, de tal forma era eu chegado a este homem.*

*Infeliz! Por mim não te aflijas demasiado em teu coração!
 Sê valente, e não deixes que a morte te invada o coração!*
O seguinte te direi, e assim mesmo há de cumprir-se: 1265
se na mansão do Hades é costume esquecer os mortos,
eu, ao invés, mesmo aí recordarei o amigo que eu amo.
É meu propósito resgatá-lo de novo à morte funesta.
Isso me ordena o coração, pois aprendi a ser sempre corajoso.
Nem ergas um lamento pesado — eu próprio o conheço bem. 1270
Cessa os lamentos, abandona o pranto cheio de lágrimas!
O mais certo é que seja ainda capaz de salvá-lo da morte.”
Assim falou; provocou-lhe o pranto, mas conteve o choro.
E com estas palavras abriu caminho. No seu encalce seguiu
a multidão, tal qual as folhas e as flores na melhor estação. 1275
Mas quando chegaram ao centro da praça de muitas vozes,
aproximou-se da côncava gruta esse que é Deus e Homem.
Os que estavam junto à gruta indagavam o que faziam.
Em seguida chorou, chamando pelo amigo que amava;
perfilou-se junto à sua cabeceira e proferiu este discurso: 1280
“Levanta-te, não fiques deitado (espantam os espectadores),
é esta a ordem e o mandamento que te dou em pessoa!”
Assim falou; e ele, num ápice, despertou do sono.
Deste modo, em seguida tirou-o e trouxe-o do Hades
com a sua voz; e o chamamento ressoou no seu espírito. 1285
De novo ficou moreno, logo as faces se lhe inflamaram
e à volta do seu queixo negros se lhe volveram os pelos.
Mas quando voltou a si e o espírito lhe regressou ao coração,
saiu porta fora transpondo o umbral recoberto de pedra.
Ergueu-se entre as gentes, e o espanto tomou cada homem. 1290
Sem mais demora, logo ele seguiu no encalço do Senhor.
E um temor atroz invadiu-lhes cada um dos membros,
ao verem como avançava com vida e incorrupto.
Isto dizia um deles, olhando para outro que tinha ao lado:
“Ah, que grande prodígio os meus olhos contemplaram! 1295
Pois nunca antes vira, nem escutara do relato de outrem,
que um deus imortal tratasse tão bem os mortais.
Ainda agora o salvou, quando se julgava que tinha morrido.
Homem mortal algum existe capaz de semelhante proeza.
Como de novo ele se levantou, afastando assim o destino, 1300
receoso, ao escutar a voz do Senhor que lhe falava!
Amigos! Jamais ocorreu prodígio que a este se assemelhe,
que o Senhor trouxesse para esta casa uma tal alegria.”
E assim, durante todo o dia, até que o sol se foi deitar,

*todos ficaram juntos, os jovens e também os velhos,
erguendo as mãos e rezando cada um com grande fervor.*

1305

BIBLIOGRAFIA

EDIÇÕES

- LUDWICH, A. (1897), *Eudociae Augustae, Procli Lycii, Claudiani Carminum Graecorum Reliquiae*. Leypzig: Teubner.
- REY, A.-L. (1998), *Centons homériques (Homerocentra). Patricius, Eudocie, Optimus, Côme de Jérusalem. Introduction, texte critique, traduction, notes et indexes*. Paris: Éditions du Cerf.
- SCHEMBRA, R. (2007), *Homerocentones*. Turnhout: Brepols. (Corpus Christianorum Series Graeca 62)
- USHER, M. D. (1999), *Homerocentones Eudociae Augustae*. Leipzig: Teubner.

ESTUDOS

- ALFIERI, A. M. (1987), "Eudocia e il testo di Omero": *Sileno* 13: 197-219.
- ALFIERI, A. M. (1988), "La tecnica compositiva nel centone di Eudocia Augusta": *Sileno* 14: 137-56.
- ALFIERI, A. M. (1989), "Note testuali ad Eudocia, Homerocentones": *Sileno* 15: 137-9.
- ARBEA, A. (2002), "El centón homérico de Eudoxia (s. V d.C.)": *Teología y vida* 43: 97-106.
- BROWN, P. (1971), *The World of Late Antiquity*. New York: W. W. Norton.
- BROWNING, R. (1975), "Homer in Byzantium": *Viator* 6: 15-34.
- CLARK, E. A. (1986), "Faltonia Betitia Proba and her Virgilian Poem: The Christian Matron as an Artist": CLARK, E. A., *Ascetic Piety and Women's Faith. (Studies in Women and Religion 20)*: 124-152.
- DOWNES, J. M. (2010), *The female Homer: an exploration of women's epic poetry*. Newark: University of Delaware Press.
- FLOYD, E. D. (1998), "Homeric and Hesiodic allusions in Cometas *On Lazarus* (*Anth. Pal.* 15.40)". Conferência inédita [<http://www.pitt.edu/~edfloyd/bsc98.html>].
- FLOYD, E. D. (1999), "Cometas on Lazarus: a resurrection of Indo-European poetics?": *Proceedings of the tenth annual UCLA Indo-European Conference*. Los Angeles: 183-201.

- GLEI, R. F. (2009), "Der Kaiserin neue Kleider. Die Homercentonen der Eudokia": EFFE, B., GLEI, R. F., KLODT, C. (eds.). "Homer zweiten Grades." *Zum Wirkungspotential eines Klassikers*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag Trier (Bochumer Altertumswissenschaftliches Colloquium 79): 227-48.
- HAFFNER, M. (1996), "Die Kaiserin Eudokia als Repräsentantin des Kulturchristentums": *Gymnasium* 103: 216-28.
- HAFFNER, M. (1999), "Tradition und Neuerung in der spätantiken Kultur. Eudokia - Kaiserin zwischen Paganismus und Christentum": *Phasis* 1: 64-73.
- HASLAM, M. (1997), "Homeric papyri and transmission of the text": MORRIS, I., POWELL, B. (edd.), *A New Companion to Homer*. Brill, Leiden, New York, Köln: 55-100.
- KIRK, G. S. (2005), *The Songs of Homer*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LAGUNA MARISCAL, G., SANZ MORALES, M. (2005), "Was the relationship between Achilles and Patroclus homoerotic? The view of Apollonius Rhodius": *Hermes* 133: 120-123.
- LAMIRANDE, E. (2001), "Le dossier littéraire de l'impératrice Eudocie († 460): une tentative d'harmoniser tradition classique et textes judéo-chrétiens": *CEA* 37: 115-22.
- LAGUNA MARISCAL, G., SANZ MORALES, M. (2005), "Was the relationship between Achilles and Patroclus homoerotic? The view of Apollonius Rhodius": *Hermes* 133: 120-123.
- MORAU, P. (1980), "La Rédemption racontée en vers homériques": *Actes du X Congrès de l'Association Guillaume Budé, Toulouse 8-12 avril 1978*. Paris: les Belles Lettres: 132-3.
- PIGNANI, A. (1985), "Il modello omerico e la fonte biblica nel centone di Eudocia imperatrice": *Koinonia* 9: 33-41.
- PRALON, D. (2003), "Les centons homériques sur la Nativité, attribués à l'impératrice Eudocie-Athénais": DORIVAL, G., BOYER, J.-P. (eds.), *La Nativité et le temps de Noël. Antiquité et Moyen Âge*. Aix-en-Provence: Publications de l'Université de Provence (Textes et documents de la Méditerranée antique et médiévale): 133-55.
- PRIETO DOMÍNGUEZ, O. (2009), "Historia del centón griego": *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Griegos y Indo-Europeos* 19: 217-232.
- PRIETO DOMÍNGUEZ, O. (2011), *De alieno nostrum. El Centón profano en el mundo griego*. Salamanca: Ediciones de la Universidad de Salamanca.

- SALANITRO, G. (1995), "Eudocia e Omero. Appunti sulla tradizione manoscritta degli *Homerocentones*": BELLONI, L., MILANESE, G., PORRO, A. (eds.), *Studia classica Iohanni Tarditi oblata*. Milano: Vita e Pensiero (Bibliotheca di Aevum Antiquum 7): 1257-62.
- SANDNES, K. O. (2011), *The Gospel 'According to Homer and Virgil'*. Leiden, Boston: Brill.
- SANDNES, K. O. (2016), "A respectable Gospel: the Passion 'according to Homer' in Eudocia's *Homerocentones*": *Svensk Exegetisk Arsbok* 81: 25-48.
- SANZ MORALES, M., LAGUNA MARISCAL, G. (2003), "The relationship between Achilles and Patroclus according to Chariton of Aphrodisias": *CQ* 53. 1: 292-295.
- SCHEMBRA, R. (1993), "La 'quarta' redazione degli *Homerocentones*": *Sileno* 19: 277-93.
- SCHEMBRA R. (1994), "L'Omero 'cristiano'. Varianti di cristianizzazione e 'doiades' nella 'quarta' redazione degli *Homerocentones*": *Sileno* 20: 317-32.
- SCHEMBRA, R. (1995), "Analisi comparativa delle redazioni lunghe degli *Homerocentones*": *Sileno* 21: 113-37.
- SCHEMBRA, R. (1996), "Genesi compositiva della III Redazione degli *Homerocentones*": *Sileno* 22: 291-332.
- SCHEMBRA, R. (1997), "La duplice versione del centone 'peri tês anastaseôs' nella III Redazione degli *Homerocentones*": *Eikasmos* 8: 171-79.
- SCHEMBRA, R. (2000a), "Analisi comparativa delle redazioni brevi degli *Homerocentones*": *Orpheus* 21: 92-122.
- SCHEMBRA, R. (2000b), "La tradizione manoscritta della I Redazione degli *Homerocentones*": *Byzantinische Zeitschrift* 93: 162-75.
- SCHEMBRA, R. (2001), "La genesi delle edizioni a stampa della I Redazione degli *Homerocentones*": *Byzantinische Zeitschrift* 94: 641-69.
- SCHEMBRA, R. (2002), "Il riuso cristiano del modello omerico negli *Homerocentones*": MONTANARI F. (ed.), *Omero tremila anni dopo. Atti del congresso di Genova 6-8 luglio 2000*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura: 505-10.
- SCHEMBRA, R. (2003), "I centoni omerici on line e su cd-rom. Alla scoperta dei rapporti di intertestualità con Omero e i Vangeli": *Homère virtuel. Pour un Compagnon électronique aux études homériques. Colloque organisé par le Centre de recherches Homériques (Université Stendhal, Grenoble 3) du 20 au 22 novembre 2002 = Gaia* 7: 425-37.

- SOWERS, B. (2006), *Eudocia. The Making of a Homeric Christian*. Diss. university of Cincinnati.
- SOWERS, B. (2010), "Retelling and Misreading Jesus: Eudocia's Homeric Cento": CALVERT-KOYZIS, N., WEIR, H. (eds.), *Breaking Boundaries: Female Biblical Interpreters Who Challenged the Status Quo*. New York, London: T & T Clark: 14-33.
- STEVENSON, J. (2005), *Women Latin Poets. Language, Gender and Authority from Antiquity to the Eighteenth Century*. Oxford, Oxford University Press.
- USHER, M. D. (1997), "Prolegomenon to the Homeric Centos": *AJPh* 118: 305-21.
- USHER, M. D. (1998), *Homeric Stitchings. The Homeric Centos of the Empress Eudocia*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield (Greek Studies – Interdisciplinary Approaches).
- VILLARRUBIA MEDINA, A. (2008), "Notas generales sobre la poesia de Eudocia Augusta": *Habis* 39: 335-61.
- WHITBY, M. (2007), "The Bible Hellenized. Nonnus' Paraphrase of St John's Gospel and 'Eudocia's' Homeric centos": SCOURFIELD, J.H.D. (ed.), *Texts and Culture in Late Antiquity. Inheritance, Authority, and Change*. Swansea: The Classical Press of Wales: 195-232.

Resumo: O género dos *homerocentones* conheceu um extraordinário desenvolvimento durante a Alta Idade Média, e dele conservamos mesmo um poema completo, os 2.354 hexâmetros homéricos com os quais Eudócia Augusta, esposa do Imperador Teodósio II (421 e 450 d.C.), recontou os principais episódios dos Evangelhos. Partindo do episódio da ressurreição de Lázaro (recriação de *Jo. 11.1-43*) refletiremos sobre a estrutura, o processo compositivo e as especificidades de traduzir o poema de Eudócia, muito além da simples reordenação dos versos homéricos, já traduzidos em Português.

Palavras-chave: Eudócia; Homero; homerocentão; Lázaro; tradução.

Resumen: El género de los *homerocentones* tuvo un extraordinario desarrollo a lo largo del Alta Edad Media, y conservamos incluso un poema completo, los 2.354 hexámetros homéricos con los que Eudocia Augusta, esposa del Emperador Teodosio II (421-450 d.C.), narró los principales episodios de los Evangelios. Partiendo del episodio de la resurrección de Lázaro (recreación de *Jo. 11.1-43*), reflexionaremos sobre la estructura, el proceso compositivo y las particularidades de traducir el poema de Eudocia, más allá de la simple reordenación de los versos homéricos, ya traducidos al portugués.

Palabras clave: Eudocia; Homero; homerocentón; Lázaro; traducción.

Résumé : Le genre des Centons homériques a connu un développement extraordinaire tout au long du Haut Moyen Age, et il a même été conservé un poème complet, les 2.354 hexamètres homériques avec lesquels Eudocie Augusta, épouse de l'empereur Théodose II (421-450 après J.-C.), a raconté les principaux épisodes des Evangiles. En partant de l'épisode de la résurrection de Lazare (recréation de *Jo. 11.1-43*), on réfléchira sur la structure, le processus de composition et les particularités de la traduction du poème d'Eudocie, allant bien au-delà de la simple réorganisation des vers homériques, déjà traduits en Portugais.

Mots-clés : Eudocie ; Homère ; Centon homériques ; Lazare ; traduction.

